

ROCHA, António dos Santos

Figueira da Foz, 1853 – Figueira da Foz, 1910

Numa conferência realizada, em 1944, na Figueira da Foz, Rafael Salgado recordou António dos Santos Rocha nos seguintes termos: “(...) lembro-me bem dele, da sua máscara austera e ligeiramente trigueira, de bigode forte, e um ar de sábio, nimbada de transcendente espiritualidade, entre agradável e severa. Acolhia-nos com sorridente afabilidade, pousando a boqui-



FIG. 1 Santos Rocha em escavações arqueológicas no Algarve (1895). Fonte: Correia, 1941.

lha comprida de anilha de prata, em que fumava meios cigarros de cada vez, e um livro qualquer, que lia atentamente com os seus óculos circulares de vidros grandes” (Calado, 1944, 12).

O ilustre figueirense aqui descrito nasceu a 30 de abril de 1853, efetuando os estudos superiores na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde obteve o bacharelato com distinção, em 1875. Estamos perante um homem multifacetado que se fez arqueólogo por gosto e vocação, embora não descurasse o mundo das leis e da causa pública. Dos diferentes cargos que ocupou, não só adstritos ao âmbito regional, listam-se os seguintes: presidente da municipalidade (1878-1880/1902-1904); provedor da Santa Casa da Misericórdia (1876-1881); presidente da Associação Comercial da Figueira da Foz (1889-1891); diretor da Correspondência da Figueira; sócio correspondente do Instituto de Coimbra; sócio da Sociedade Carlos Ribeiro; membro da Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses; vogal delegado da Comissão dos Monumentos Nacionais; fundador da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz e do Museu Municipal da Figueira da Foz.

No que aos meandros museológicos diz respeito, apresenta-se como basilar uma viagem empreendida, em 1880, por Santos Rocha, à Andaluzia, cujo relato editou em livro e onde se anuncia, com clareza, os alvares do seu percurso e deleite pela Arqueologia (Rocha, 1886). (Fig. 1) Tornou-se, a partir de então, num arqueólogo reconhecido e louvado pela comunidade científica pelo rigor metodológico com que expôs o conhecimento dos povos pré-históricos, sobretudo os da zona centro do país. Colaborou com as principais revistas de Arqueologia do seu tempo – *Revista de Ciências Naturais e Sociaes, Portugália* e *O Archeologo Português* –, tendo convivido com indivíduos de renome, tais como Leite de Vasconcelos, com quem trocou alguma correspondência. Da grande quantidade de obras redigidas pela sua pena, enaltecem-se os seguintes títulos: *Antiguidade-*



des Pre-historicas do Concelho da Figueira (1888); Memórias sobre a Antiguidade (1897); Materiais para o estudo da idade do Cobre em Portugal (1911); Materiais para a história do Concelho da Figueira da Foz nos séculos XVII e XVIII (1897).

A vertente prática da atividade arqueológica de Santos Rocha iniciou-se em 1882, a partir de escavações realizadas em Santa Olaia, Crasto e Chões. A quantidade e qualidade dos artefactos exumados, bem como a necessidade de os concentrar num só espaço e de os expor ao público em geral, levaram Santos Rocha a encetar vários esforços, junto da edilidade municipal e da sociedade figueirense, com vista à criação de um museu municipal (Rocha, 1905). O pedido à vereação efetuou-se no ano de 1892, sendo formalmente conhecido na sessão de dia 30 de novembro nos seguintes termos: “António dos Santos Rocha (...) que tendo há mezes exposto verbalmente ao presidente d’esta Camara a conveniencia de instituir nesta Cidade um muzeu municipal, destinado principalmente agoardar [sc] e expor os resultados que desde 1886 tem emprehendido sobre a Prehistoria do Concelho, evitando que as collecções ethnograficas e antropológicas de alguma importancia que de direito pertencem à Figueira, vão ornar outros muzeus, ou se percam no fucturo entre mãos de particulares. [Santos Rocha] Offerece os productos que colheu, e mais se offerece para administrar e ornar o muzeu gratuitamente” (Pereira, 1986, 8-9).

A vereação camarária aprovou a referida proposta e disponibilizou-se a encontrar um edifício adequado para albergar a futura instituição museológica. O ano seguinte iniciou-se com uma nova vereação municipal o que originou, da parte de Santos Rocha, a renovação do pedido a 8 de janeiro de 1893, sendo novamente atestado três dias mais tarde em nova sessão camarária (*Ibidem*). Dois anos volvidos, a 6 de maio de 1894, o seu desejo tornou-se realidade com a inauguração do Museu Municipal da Figueira da Foz, estabelecido provisoriamente no edifício do Paço do Conde.

O referido organismo insere-se no período de afirmação do fenómeno museológico português ao longo da segunda metade do século XIX. Influenciadas pela filosofia de base romântica assistiu-se, na referida meia centúria, ao surgimento de várias instituições regionais deste cunho, com a pretensão primacial de expor os artefactos do passado, criando autênticos espaços de memória e reservatórios da identidade de uma determinada circunscrição territorial. O súbito interesse pelos vestígios ancestrais e pela preservação do património anunciou o despertar dos estudos arqueológicos de âmbito local, através da constituição de associações de carácter científico ligadas a um espaço museológico de âmbito regional. O Museu Municipal da Figueira da Foz foi filho desta época, bem como a constituição da sociedade arqueológica a ele anexa – a Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz –, criada em 1896, com o objectivo de estudar “(...) diversos ramos das sciencias archeológicas, procurando contribuir para a resolução dos problemas da pré-história e da história antiga do occidente da peninsula; e em especial, a auxiliar o desenvolvimento do Museu Municipal da Figueira, onde se acham colligidos numerosos e importantes elementos para estes estudos” (*Estatutos da Sociedade...*, 1904) (Fig. 2).

Concebida e liderada por Santos Rocha, durante 11 anos a dita agremiação chegou a albergar um total de 98 sócios de diferentes proveniências (Sociedade Arqueológica da Figueira..., 1999, 95-127). A sua atividade assumiu um papel relevante no estudo do acervo do museu figueirense, sobretudo com a organização de sessões onde foram lidos e discutidos diversos textos, predominando, naturalmente, os escritos por Santos Rocha, que, em 14 sessões plenárias, expôs 50 estudos científicos distintos (Freitas, 2005, 5). As coleções do museu aumentaram por via de muitas excursões arqueológicas feitas por elementos desta sociedade, destacando-se as expedições ocorridas no Algarve, na Beira Alta e na região





FIG. 2 Secção de trabalho da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, com a presença de António dos Santos Rocha (segundo a contar da esquerda), finais do século XIX. Fonte: Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz. 1999, 80.

do Oeste, além de outras no próprio concelho. Na sessão de 25 de outubro de 1903 da coletividade aprovou-se, por unanimidade, a mudança do seu nome para Sociedade Arqueológica Santos Rocha, salientando, deste modo, a importância do seu patrono e principal impulsionador (*Sociedade Archeologica da Figueira...*, 1903, 1).

As suas conceções museológicas, bem expressas no discurso expositivo adotado nos primórdios do museu municipal, não se fixaram somente na ênfase dada ao património material de antanho, embora a primazia do acervo arqueológico, etnográfico e artístico (por esta ordem de valor) fosse uma realidade. Para além da referida tríade, destaque-se a necessidade de expor os objetos do “presente” das intituladas “indústrias do concelho” (Freitas, 2005; Pereira, 1986; Rocha, 1905),

numa lógica coerente com os museus de artes e indústrias (ou de artes industriais) existentes no contexto europeu e, à época, já disseminados noutras latitudes (Richards, 1927). O conhecimento da realidade museológica europeia foi uma realidade bem visível nos escritos da pena do primeiro diretor, sendo gradualmente cimentado a partir de diversas viagens que efetuou (França, Itália e Suíça) com o intuito de estudar não só os suportes museográficos, os métodos de conservação e o restauro de peças, bem como na compreensão das práticas expositivas com vista a obter importantes comparações de índole científica (*Sociedade Arqueológica da Figueira...*, 1999).

As instalações da Casa do Paço foram, desde cedo, acanhadas para a ambição do organismo concebido e dirigido por Santos Rocha, levando a uma transferência, no ano de 1899, para o novo edifício dos paços do concelho, riscado por Ernesto Korrodi (Freitas, 2005; Pereira, 1986). A passagem de instalações não pressupôs a deturpação dos princípios museológicos e expositivos do espaço anterior, como transparece do relato jornalístico de Rangel Lima: “O museu da Figueira (...) é um museu pequeno, mas de todo o ponto curioso, não só porque encerra objectos preciosos regionais e de várias localidades do país (...). A secção pré-histórica do museu é por ventura a mais interessante, por isso que se nos deparam n’ella bastantes exemplares da idade da pedra e do ferro encontradas nos arredores da Figueira da Foz e também do Algarve (...). Uma secção etnográfica, outra de objectos curiosos da época relativamente próxima e por último uma secção industrial moderna” (Lima, 1899, 1). O mesmo relato permite conhecer as técnicas de reconstituição de peças de cerâmica aplicadas por Santos Rocha que, “(...) seguindo o processo adoptado n’alguns museus de Itália, executa o restauro de modo perfeitamente se fica diferenciando a parte antiga da parte moderna” (*Ibidem*).

A necessidade de proceder a explicações necessárias à observação e compreensão do



acervo por parte dos visitantes levou o diretor à redação do primeiro catálogo do museu, publicado em 1905 (Rocha, 1905), com aditamentos efetuados em 1907 (Rocha, 1907) e 1909 (Rocha, 1909), totalizando, neste último ano, o número significativo de 8 866 peças (*Ibidem*).

A morte de Santos Rocha, ocorrida a 28 de março de 1910, deixou de luto a Figueira da Foz e a arqueologia portuguesa no geral, conduzindo à estagnação e conseqüente desmembramento da Sociedade Arqueológica fundada por si. No que ao museu diz respeito – o maior legado que deixou à cidade da Figueira da Foz –, o seu nome constou numa nova nomenclatura (Museu Municipal Santos Rocha), aprovada pela edilidade, a 30 de março do referido ano (Pereira, 1986, 27). Numa evocação ao arqueólogo figueirense ocorrida em 1936, Vergílio Correia – da geração seguinte de eminentes arqueólogos – ressaltou: “Um país não vive só da sua arqueologia e dos seus museus. Mas são estes (...) uma fonte perene de ressurgimento, inspiradores de confiança, pelo exemplo que patenteiam, da evolução da progressiva humanidade. E são também admiráveis lições de patriotismo, no sentido mais restrito, como no mais lato. Constituído [e] organizando o Museu Municipal da Figueira da Foz, Santos Rocha trabalhava pela elevação a sua terra e do seu país. Bem merece as homenagens que lhe tributamos” (Correia, 1941, 19).

BIBLIOGRAFIA

- CALADO, Rafael Salinas. 1944. *A Figueira ao dealbar do século XX*. Figueira da Foz: Escola Gráfica Figueirense.
- CÂNDIDO, Guida da Silva. 2001. *Paços do Concelho da Figueira da Foz – História de um Edifício*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- CARDOSO, Ana Paula Oliveira, Pereira, Isabel (coord.). 1994. *Museu Municipal Doutor Santos Rocha: Centenário (1894-1994)*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- CASCÃO, Rui de Ascensão Ferreira. 1998. *Figueira da Foz e Buarcos entre 1861 e 1910: permanência e mudança em duas comunidades do litoral*. Figueira da Foz: Centro de Estudos do Mar e das Navegações Luís de Albuquerque.
- CORREIA, Virgílio. 1941. *Santos Rocha fundador dum museu*. Figueira da Foz.
- “ESTATUTOS da Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz”. 1904. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, 1.
- FONTES, Joaquim. 1955. “O Dr. Santos Rocha e a arqueologia portuguesa”. *Arqueologia e História*. 8.ª Série, VI [Separata].
- FREITAS, Duarte Manuel. 2005. *Museu Municipal da Figueira da Foz*. Coimbra: Policopiado.
- IN Memoriam da Reabertura do Museu Municipal Dr. Santos Rocha. 1945. Figueira da Foz: Grupo de Amigos do Museu Municipal Santos Rocha.
- LIMA, Rangel, 1899. “Museu Municipal da Figueira da Foz”. *Gazeta da Figueira*, 9-12-1899: 1.
- PEREIRA, Isabel. 1986. *Museu Municipal Dr. Santos Rocha – Notícia histórica*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz (Cadernos Municipais), 1986 [contém a transcrição das atas da edilidade municipal da Figueira da Foz relativas ao Museu Municipal].
- RICHARDS, Charles R.. 1927. *Industrial art and the museum*. New York: The Macmillan Company.
- ROCHA, António dos Santos. 1886. *Cartas a Andaluza*. Coimbra: Imprensa da Universidade
- ROCHA, António dos Santos. 1905. *O museu municipal da Figueira da Foz: catálogo geral*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- ROCHA, António dos Santos. 1907. *O museu municipal da Figueira da Foz: catálogo geral aditamento n.º 1 – 1906-1907*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- ROCHA, António dos Santos. 1909. *O museu municipal da Figueira da Foz: catálogo geral aditamento n.º 2 – 1909*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- SOCIEDADE Arqueológica da Figueira 1898 – 1910 Centenário. 1999. Figueira da Foz: Museu Municipal Dr. Santos Rocha.
- “Sociedade Archeologica da Figueira”. 1903. *Gazeta da Figueira*. 28-10-1903: 3.
- VILAÇA, Raquel, Pinto, Sónia (coord.). 2012. *Santos Rocha: a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*. Figueira da Foz: Casino da Figueira.

[D.M.F.]

DUARTE MANUEL FREITAS Doutorado em História, na especialidade de Museologia e Património Cultural. Professor Auxiliar da Universidade Autónoma de Lisboa, membro integrado no Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC) e no Centro de Investigação em Ciências Históricas (UAL). Atua nas áreas da Didática da História, da Museologia Histórica e da História das Empresas. Com a sua tese de doutoramento, intitulada *Memorial de um complexo arquitetónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965)*, entretanto publicada na Coleção Estudos de Museus (Caleidoscópio/DGPC, 2016), obteve o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea (2015) e o prémio da Associação Portuguesa de Museologia, na categoria de “Melhor Estudo de Sobre Museologia” (2016).

